



Elementos identitários na paisagem da Vila Iata em Rondônia: estudo de caso em territórios isolados

Identity-Defining Characteristics in the Landscape of Vila Iata, Rondônia: A Case Study in Isolated Territories

Elementos identitários en el paisaje de Vila Iata en Rondônia: estudio de caso en territorios aislados

Tainá Sousa Oliveira[*]
Fernanda Alves de Brito Bueno[**]

[*] Mestre em Turismo e Patrimônio pela Universidade Federal de Ouro Preto. Pós-graduada em Gestão e Conservação do Patrimônio Cultural do IFMG. Bacharel em Arquitetura e Urbanismo pelo IFRO. E-mail: taina.olivira@aluno.ufop.edu.br

[**] Professora efetiva do Curso de Arquitetura e Urbanismo da EM/UFOP. Professora no Programa de Pós-Graduação em Turismo e Patrimônio da EDTM/UFOP. Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Escola de Arquitetura da UFMG. E-mail: fernanda.bueno@ufop.edu.br

Resumo: Este artigo analisa a paisagem da Vila Iata, em Guajará-Mirim (RO), como expressão de seus caracteres identitários. Adota abordagem qualitativa com observação participante, pesquisa documental e registro fotográfico para compreender como elementos culturais estruturam a identidade do lugar por referências coletivas. A formação histórica local, ligada à Estrada de Ferro Madeira-Mamoré e a diversos ciclos econômicos, transformou a paisagem com moradias, equipamentos públicos e estruturas ferroviárias. O Rio Mamoré e as florestas reforçam o caráter ambiental, enquanto as práticas e festividades expressam a vida cultural. A partir do conceito de caracteres identitários apresentados nos estudos da geofilosofia de Luisa Bonessio, em diálogo com pensamentos de Rosario Assunto e Augustin Berque, a paisagem é vista como dinâmica, revelando permanências e mudanças. A ferrovia e seus vestígios simbolizam memórias incômodas, ao passo que festas e elementos naturais fortalecem vínculos de pertencimento. É necessário registrar estes elementos para preservar a memória e identidade amazônica, diante de processos de descaracterização, além de ameaças como a instalação de hidrelétricas.

Palavras-chave: Amazônia; Colônia Agrícola do Iata; Paisagem.

Abstract: This article analyzes the landscape of Vila Iata, in Guajará-Mirim (RO), as an expression of its identity characteristics. It adopts a qualitative approach with participant observation, documentary research, and photographic recording to understand how cultural elements structure the identity of place through collective references. The local historical formation, linked to the Madeira-Mamoré Railway and various economic cycles, transformed the landscape with dwellings, public facilities, and railway structures. The Mamoré River and forests reinforce the environmental

character, while practices and festivities express cultural life. Drawing on the concept of identity characteristics presented in the geofilosophical studies of Luisa Bonesio, in dialogue with the thinking of Rosario Assunto and Augustin Berque, the landscape is seen as dynamic, revealing both permanences and changes. The railway and its vestiges symbolize uncomfortable memories, while festivals and natural elements strengthen bonds of belonging. It is necessary to document these elements in order to preserve Amazonian memory and identity, in the face of processes of decharacterization and threats such as the construction of hydroelectric plants.

Keywords: Amazon; Iata Agricultural Colony; Landscape.

Resumen: Este artículo analiza el paisaje de Vila Iata, en Guajará-Mirim (RO), como expresión de sus caracteres identitarios. Adopta un enfoque cualitativo con observación participante, investigación documental y registro fotográfico para comprender cómo los elementos culturales estructuran la identidad del lugar a través de referencias colectivas. La formación histórica local, vinculada al Ferrocarril Madeira-Mamoré y a diversos ciclos económicos, transformó el paisaje con viviendas, equipamientos públicos y estructuras ferroviarias. El río Mamoré y los bosques refuerzan el carácter ambiental, mientras que las prácticas y festividades expresan la vida cultural. A partir del concepto de caracteres identitarios presentado en los estudios de geofilosofía de Luisa Bonesio, en diálogo con los pensamientos de Rosario Assunto y Augustin Berque, el paisaje es visto como dinámico, revelando permanencias y cambios. El ferrocarril y sus vestigios simbolizan memorias incómodas, mientras que las fiestas y los elementos naturales fortalecen los vínculos de pertenencia. Es necesario registrar estos elementos para preservar la memoria y la identidad amazónica, ante procesos de descaracterización y amenazas como la instalación de centrales hidroeléctricas.

Palabras clave: Amazonía; Colonia Agrícola del Iata; Paisaje.

Introdução

A Vila Iata, situada no município de Guajará-Mirim, Rondônia, integra um contexto geográfico e histórico de características únicas na Amazônia brasileira. Localizada a cerca de 300 km da capital Porto Velho, a Vila remonta ao início do século XX, tendo sua formação vinculada à Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (E.F.M.M.) e à posterior implementação de colônias agrícolas no território. A paisagem da Vila é formada por edificações remanescentes da antiga ferrovia, imóveis institucionais e destinados a serviços básicos, além de residências, em meio a cultura comunitária e riqueza do ambiente natural, manifestada nas florestas e presença marcante do rio Mamoré, que faz divisa com a Bolívia.

A criação da Colônia Agrícola do Iata ocorreu na década de 1940 e insere-se no contexto do declínio da economia extrativista da borracha, especialmente após a Segunda Guerra Mundial. O fim do fornecimento de látex para os países em guerra resultou em uma crise socioeconômica na Amazônia, levando o governo brasileiro a implementar projetos de colonização agrícola para evitar o êxodo da mão de obra desempregada dos seringais. Assim, a Colônia Iata foi estabelecida como

uma alternativa voltada à produção, atraindo novos migrantes, em sua maioria originários do nordeste brasileiro, e estruturando-se em torno da ferrovia, que funcionou como um eixo de transporte e integração entre os municípios e demais Vilas da região. No entanto, fatores ambientais e socioeconômicos dificultaram a consolidação do projeto agrícola, impactando diretamente a permanência da população.

Este estudo se fundamenta na filosofia da paisagem, por meio de conceitos apresentados por autores como o filósofo italiano Rosário Assunto, importante referência nos estudos da estética da paisagem; a filósofa italiana Luisa Bonesio, marcada pela abordagem da geofilosofia; e pelas importantes contribuições do francês Augustin Berque, na perspectiva da geografia cultural. A paisagem é assim compreendida como território modelado pelo ambiente natural e cultural, conforme reflexões de Assunto (2013a); particularizada por caracteres identitários, no reconhecimento de elementos estruturantes que conferem o caráter de um lugar e se estabelecem como balizadores e referências culturais de uma comunidade (BONESIO, 2013); e apreendida como fenômeno da mediância expressa em Berque (2023), ao compreender que o ser humano possui um corpo medial, ou seja, social, e que pensar a paisagem é entender a trajetiva entre o ser humano e o meio, que jamais deve ser objetificado. Nesse sentido, a paisagem da Vila Iata será investigada como uma construção social e simbólica, resultado da interação contínua entre comunidade e natureza, cujos conceitos apresentados acima embasam a discussão adiante. Como território isolado, esse patrimônio se modifica, mas também resiste e se apresenta como reflexo da memória coletiva de seus habitantes e das transformações impostas por ciclos econômicos, processos de ocupação e exploração do local, o que pode ser compreendido em ciclos de territorialização, conceito apresentado por Bonesio (2013).

Entre alguns desafios que modificam constantemente a paisagem da Vila Iata e que ameaçam a preservação do patrimônio existente, é possível citar um processo contínuo de descaracterização, resultado da ausência de políticas de preservação que afetam diversas localidades da Amazônia. A falta de registros sistemáticos e iniciativas voltadas à salvaguarda desse patrimônio compromete a compreensão de sua importância como registro da ocupação e transformação do território. Elementos que compõem a identidade da Vila, como edificações remanescentes, traçados urbanos e referências naturais, encontram-se em risco, seja pela degradação física ou pela perda de sua memória social. Diante desse cenário, torna-se importante a adoção de instrumentos de proteção e estratégias que possam acompanhar o processo de alteração desta paisagem.

O objetivo principal deste artigo é analisar os caracteres identitários que compõem a paisagem da Vila Iata, evidenciando sua relevância histórica, social e cultural. A pesquisa utiliza uma

abordagem qualitativa, baseada em três principais métodos: observação participante, pesquisa bibliográfica e documental e registro fotográfico.

A observação participante foi realizada em duas visitas à Vila Iata: a primeira em abril de 2021 e a segunda em janeiro de 2024. As visitas permitiram a imersão na realidade local e a coleta de informações sobre o cotidiano e as práticas culturais da comunidade. Os registros foram realizados por meio de caderno de campo, fotografia com câmera e celular, vídeos de mapeamento da área e gravações de áudio de conversas com moradores, realizadas mediante autorização prévia dos participantes. Os critérios para seleção dos elementos identitários analisados foram orientados pela recorrência e relevância dos elementos observados em campo, em diálogo com o referencial teórico adotado.

A pesquisa bibliográfica e documental abrange a análise de fontes históricas, como registros institucionais, artigos acadêmicos e documentos disponíveis em arquivos públicos e fontes digitais. O levantamento em fontes digitais contemplou as plataformas Facebook e Instagram, com foco em grupos temáticos dedicados à história do estado de Rondônia e em grupos específicos de moradores da Vila Iata. O critério de seleção priorizou publicações de moradores ou ex-moradores da Vila identificados a partir de publicações nos grupos. Quando possível, o contato direto com esses usuários permitiu confirmar o vínculo com a localidade e aprofundar informações. Esse procedimento, embora não sistemático no sentido quantitativo, orientou-se pela busca de diversidade de vozes e pela validação cruzada entre relatos, imagens e informações documentais. Os registros fotográficos foram utilizados de forma articulada às demais fontes. Fotografias históricas foram comparadas a imagens produzidas durante as visitas de campo e com fotografias compartilhadas por moradores nas redes sociais, permitindo identificar transformações nas edificações, na vegetação e no uso do espaço ao longo do tempo. As imagens orientaram ainda a identificação dos caracteres identitários, conceito fundamentado em referencial teórico e foram validados com o cruzamento de informações obtidas nas fontes documentais e nos relatos dos moradores, funcionando como instrumento de triangulação.

Esse estudo se inicia, a seguir, com uma breve descrição da formação da Vila Iata, cuja origem e transformações se relacionam com dinâmicas territoriais, em processos estruturantes, motivados por questões econômicas, políticas e sociais. Nesta perspectiva de análise, é possível compreender o que Bonesio (2013) identifica como ciclos de territorialização, ao reconhecer que o território se molda a partir de processos. Nesse sentido, a autora descreve que a paisagem se estabelece como espaço simbólico e a identidade se revela nos elementos de matrizes formais, cujo desenvolvimento, embora necessário, deva se estabelecer em consonância e harmonia com os caracteres identitários dessa comunidade estabelecida.

Formação histórica e cultural da Vila Iata

Para compreender o surgimento da Vila Iata e as modificações de sua paisagem, é importante abordar brevemente períodos de exploração e ocupação do atual território rondoniense. O pesquisador Edgar Roquette-Pinto (1935, 24) descreve em sua obra que o bandeirante Antônio Pires foi um dos mais antigos a ocupar a região ao noroeste do Mato-Grosso em 1718.

Quanto aos povos originários que habitavam a região oeste da Amazônia brasileira, há registros do “Reino dos Parecís”. Edgar Roquette-Pinto (1935, 24) apresenta o registro da existência de um contingente populacional expressivo: “Os índios das chapadas, de numerosos, eram incontáveis; num dia de caminhada atravessam-se 10 e 12 aldeias”. Nesse relato sobre os Parecís, o autor transcreve que havia um elevado número de unidades residenciais, destacadas pela altura, e essas comunidades viviam do cultivo da terra e plantio de milho, mandioca e feijão, além da caça. Antonio Pires registra outras comunidades que ocupavam a região, entre elas os nativos da Serra do Norte, os Nambikuáras, Kabixís e, posteriormente, são registradas, ao início do século XX, os Tagnanís, Tautês, Kokôzús, Uaintaçús, Anunzê, entre outros povos nativos (Roquette-pinto 1935).

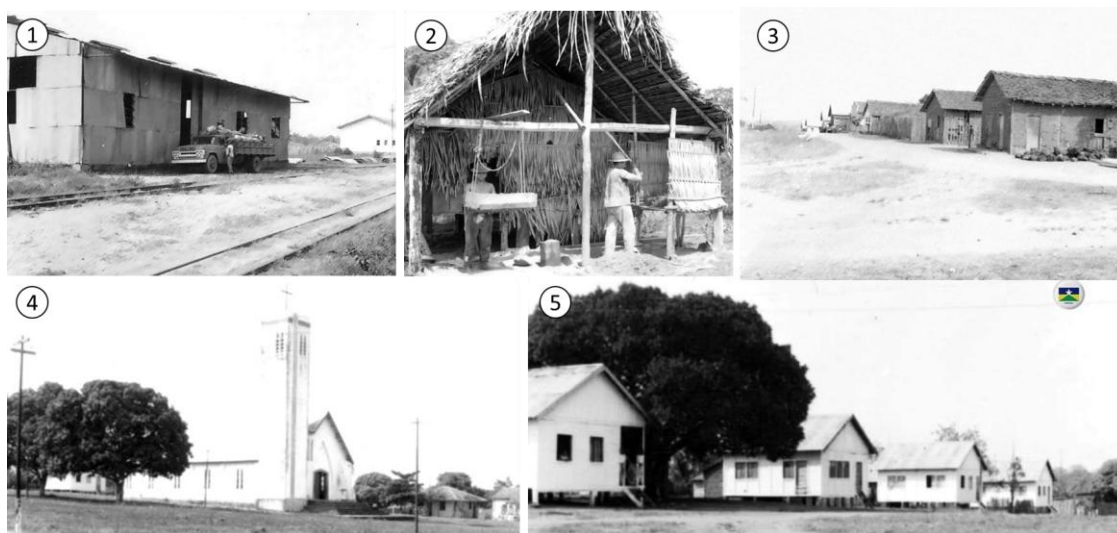
O processo de exploração e ocupação da região do Rio Madeira por estrangeiros inicia-se no século XVII com a expedição do bandeirante Raposo Tavares em 1647, marcando o primeiro contato português com as dificuldades de navegação impostas pelas cachoeiras locais (Ferreira 2005). A primeira expedição incentivou, nos séculos seguintes, a ocorrência de várias expedições militares, científicas e missões jesuíticas que contribuíram para o reconhecimento e povoamento inicial da região (Ferreira 2005). No século XVIII, a descoberta de ouro nos rios Guaporé e Sararé atraiu populações temporárias, que posteriormente decaíram com o fim do Ciclo do Ouro, deixando remanescentes indígenas, negros e mamelucos escravizados. Essa população permaneceu nas terras vivendo de atividades extrativistas (Matias 2010).

Um novo impulso econômico e migratório surgiu na segunda metade do século XIX com o Ciclo da Borracha, acentuado pela construção da Ferrovia Madeira-Mamoré e a instalação das estações telegráficas da Comissão Rondon, atraindo migrantes brasileiros que estabeleceram pequenos núcleos rurais voltados à agricultura e pecuária (Perdigão e Bassegio 1992). Em 1943, o Decreto-lei n.º 5.812 criou o Território Federal do Guaporé, sanando dificuldades territoriais, reestruturando a administração local e estimulando novas políticas de ocupação (Matias 2010).

Após a Segunda Guerra Mundial e o declínio da borracha, o governo brasileiro implantou colônias agrícolas para evitar o êxodo e estimular a produção agrícola, embora enfrentasse condições precárias e pouco investimento governamental. Dentre essas colônias destacou-se a Vila Iata,

estabelecida em 1948 em Guajará-Mirim, destinada ao cultivo de cereais e hortifrutícolas (Matias 2010).

Figura 1 - Panorama da Vila Iata, edificações e instalações em 1968.



(1) Galpão de carga junto aos trilhos da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. (2) Agricultores trabalhando em tapiri¹. (3) Conjunto de residências de taipa da Colônia Iata. (4) Igreja matriz da colônia agrícola. (5) Casas pré-moldadas de madeira. Fonte: Costa 1968.

Hervé Théry (1976) comenta que a Colônia Agrícola do Iata alcançou seu auge no final dos anos 1950. Mil famílias foram instaladas em lotes de 25 hectares, com infraestrutura completa incluindo escola, igreja, correio, estação de trem e comércios. A Figura 1 apresenta registros da Colônia Agrícola do Iata no ano de 1968. Na paisagem que se forma, é possível observar uma mescla entre métodos artesanais e construções mais padronizadas: moradias com taipa ou madeira simples, coberturas de palha ou de teto metálico, materiais locais como fibras vegetais e barro, contrastando com edificações mais industriais ou pré-fabricadas que indicam rapidez ou necessidade de escala na implantação. Também se nota traçado de ruas e as linhas da ferrovia em funcionamento, edificações institucionais, e a presença de espaços abertos, provavelmente para uso agrícola, circulação da comunidade.

A Vila foi planejada para abastecer Guajará-Mirim e se fortalecer enquanto território, diante da proximidade com a fronteira da Bolívia. Cerca de seis a sete anos após os desflorestamentos, o esgotamento do solo reduziu os rendimentos e a renda. Considerando a falta de soluções ou alternativas, muitos camponeses permaneceram na colônia, apesar das condições desfavoráveis. Posteriormente, inicia-se um processo de migração dos colonos para a colônia vizinha, Sidney Girão, em decorrência da exploração da cassiterita na região e a oferta de terras mais vantajosas e maiores

¹ Edificação de palha.

de 100 hectares. Esse processo muda a dinâmica territorial, esvazia as parcelas da Colônia Iata e, consequentemente, desencadeia mudanças em sua paisagem.

Em 1974, cerca de 400 famílias ainda resistiam em permanecer na Colônia Iata. A administração da Vila enfrentava desafios para mapear colonos e parcelas, com parte de uma comunidade analfabeta e utilizando documentos antigos. A situação era complicada pelo cadastro impreciso e pela frequente mudança de administradores. Tentativas de revitalizar a pequena agricultura e a produção hortifrutífera foram dificultadas pela falta de conhecimento da população, carência de recursos e infraestrutura. A colônia que visava a distribuição de terras a pequenos agricultores estava se transformando em latifúndios, considerando a evasão de muitos colonos e a venda de parcelas já desmatadas por preços baixos (Théry 1976).

Teixeira (2014) afirma que, no local onde se encontra o distrito de Iata, ainda é possível observar diversos edifícios que faziam parte da colônia e da estação ferroviária que movimentaram e dinamizaram o território. As operações da colônia agrícola de Iata perduraram até o encerramento definitivo da Estrada de Ferro Madeira Mamoré em 1971. Com a distância da rodovia que conecta Porto Velho e Guajará-Mirim, a comunidade sofreu uma redução significativa em suas atividades comerciais. Teixeira (2014) descreve ainda que, segundo relatos de um dos antigos moradores da região, os agricultores foram gradativamente “substituídos” por rebanhos de gado de corte, referindo-se ao processo de êxodo dos moradores e crescimento da pecuária na região após o fim da operação ferroviária.

A paisagem da Vila Iata em suas temporalidades

A partir da busca documental e revisão bibliográfica, foram levantadas fotografias da Vila Iata durante a década de 1940 e 1960. Os registros fotográficos se configuram como representação de paisagem, que segundo Assunto (2013) pode ser compreendida como espaço e objeto de experiência e juízo estético, ao se manifestar em sentidos e significados em suas temporalidades. Nesse sentido, "a representação de uma paisagem é representação de espaço" (ASSUNTO 2013, 341), cuja imagem pode se tornar mecanismo de leitura e interpretação da paisagem atual. Ao analisar os registros fotográficos, é possível notar edificações hoje inexistentes, em uma paisagem modificada, relatos que serão analisados adiante. Os registros também revelam a produção agrícola da Vila, como valores arrecadados anualmente e principais cultivos produzidos para exportação. Os registros encontrados nas redes sociais também demonstram imagens de imóveis remanescentes que ainda compõem a dinâmica territorial, além de comentários de inúmeros moradores e visitantes da antiga colônia. É possível analisar a forma como a Vila é presente na memória coletiva da população, cujas narrativas

de vivências demonstram memórias de afetos. Observa-se também a maneira como a desativação da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré impactou negativamente as dinâmicas do local, interrompendo o principal meio de acesso a Vila e isolando-o no mapa.

Esses registros servem de subsídio para analisar a construção e as modificações da paisagem da Vila Iata enquanto referência cultural para sua população. Por meio de autores que fundamentam essas discussões, é possível examinar as mudanças e os significados atribuídos à paisagem desse território a partir de narrativas históricas, memórias coletivas e os efeitos das ações humanas sobre o meio ambiente e a cultura local. Para subsidiar as análises, trataremos de alguns conceitos importantes como patrimônio, valores simbólicos e historiográficos e percepções diante dos conceitos de ambiente, território e paisagem.

Para compreender a noção de patrimônio, Laurajane Smith (2021) contesta a ideia de que o conceito se relaciona ao que é apenas material, como objetos ou lugares. A autora defende o patrimônio como ação, processo intangível de construção cultural e social, a partir da atribuição de sentidos e valores, que estruturam identidades, vínculos sociais e percepções de lugar. Esse processo fortalece o pertencimento e reflete nas decisões sobre a seleção dos bens a serem preservados, assim como na forma como o patrimônio é gerido, exibido e apropriado pelo público, por meio de nomeação, apropriações, usos e ressignificados. Portanto, todo patrimônio é intangível, e trata-se de um processo de atribuição de valores culturais e sociais que os identificam enquanto referência e conferem sentido ao momento presente. Além disso, o patrimônio se manifesta nas ações a partir de saberes, ofícios e de como os bens são utilizados (Smith 2021).

No que tange ao tema, o conservador-restaurador e professor espanhol Muñoz Viñas (2003) entende que os valores historiográficos e simbólicos são aspectos que caracterizam os objetos considerados patrimônio. Um mesmo objeto pode receber valores distintos conforme o olhar de seus espectadores, pois os indivíduos afetados por um determinado objeto são os responsáveis por atribuir os próprios códigos de interpretação e atribuição do poder simbólico. O autor comenta a respeito da caracterização dos simbolismos, considerando que qualquer objeto pode cumprir inúmeras funções como é o exemplo de uma figura religiosa, que ao mesmo tempo que pode se configurar como objeto de devoção, pode esta ainda cumprir a função secundária de figura representativa de uma coleção de obras de arte (Muñoz Viñas 2003, 49).

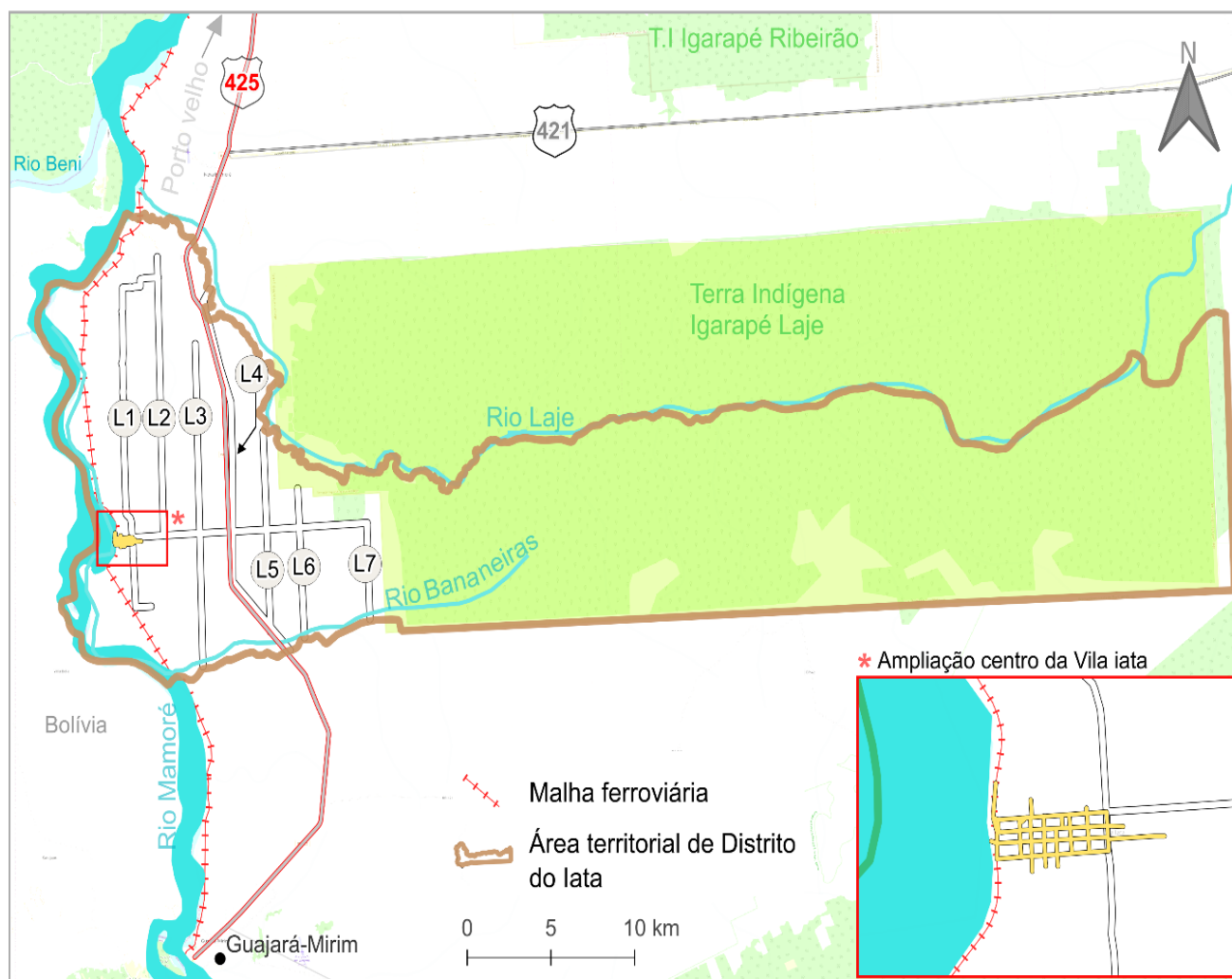
No que diz respeito aos valores historiográficos atribuídos aos objetos, o autor observa que seu valor depende da possibilidade de servirem como fonte para a história. Muitos objetos, como uma fotografia anônima, podem não ter inicialmente relevância para os historiadores, mas ainda podem adquirir um potencial historiográfico, pois circunstâncias futuras podem torná-los documentos

valiosos para compreender hábitos, técnicas ou contextos sociais passados. Assim, mesmo objetos aparentemente banais, podem adquirir importância historiográfica com o passar do tempo e conforme o olhar histórico e coletivo (Muñoz Viñas 2003, 30). A base conceitual fornecida por Viñas auxilia na compreensão do processo de atribuição de valores aos objetos e elementos que podem compor a paisagem do objeto de estudo.

Um dos conceitos que auxiliam a compreender a paisagem é o conceito de território. Rosário Assunto (2013) propõe uma diferenciação conceitual entre paisagem, ambiente e território, cujos conceitos serão adotados para análise e leitura do espaço. Segundo o autor, o território é caracterizado por sua dimensão espacial e quantitativa, sendo uma porção da superfície terrestre delimitada por aspectos como geografia, idioma, política ou história. Contudo, essa delimitação não é apenas física, ela envolve também as conexões culturais e linguísticas que atravessam as fronteiras, sendo marcada por interações e dinâmicas sociais.

A figura 2 traz um panorama geral do território da Vila Iata, abrangendo linhas de acesso, a hidrografia e a interface com a Terra Indígena Igarapé Laje. É possível identificar a proximidade da antiga linha férrea ao espaço urbano, além da relação de fronteira com a Bolívia, por meio do Rio Mamoré. A delimitação do território sofreu modificações em decorrência do crescimento da agricultura local, da atividade da ferrovia, dos períodos de cheia e estiagem do Rio Mamoré, além de abranger o território indígena Igarapé Laje. As referências em L numeradas na figura 4 são identificadores das chamadas "linhas" que são vias de acesso paralelas compostas por inúmeras propriedades rurais, onde muitas famílias residem e vivem da agropecuária. A ampliação do centro da Vila Iata destacado na figura representa a delimitação de uma área urbanizada do território, com maior densidade populacional.

Figura 2 - Panorama geral da área territorial do Distrito do Iata.



Fonte: Acervo da autora 2025.

O conceito de ambiente, de acordo com Assunto (2013a), parte do entendimento de território, entretanto, inclui fatores biológicos, culturais e históricos. O ambiente compreende tanto os elementos naturais como o clima, a altitude, os rios e outros, quanto os aspectos sociais resultantes da presença humana, como dinâmicas sociais, usos do solo e manifestações culturais. Trata-se, portanto, de um território vivido e modificado pela ação humana, refletindo a integração entre natureza e cultura. Essa percepção foi registrada por meio da metodologia de observação participativa, analisando as dinâmicas e funcionamento da Vila Iata, que complementou as informações bibliográficas e documentais levantadas. Atividades, interações sociais e até dinâmicas específicas do próprio ambiente foram coletadas.

Ao chegar no centro da Vila, nota-se a presença marcante do Rio Mamoré (Figura 3) há poucos metros e de grande extensão. O silêncio do lugar permite ouvir o som das áreas encachoeiradas no centro do rio, que além de tratar-se de uma referência natural, também é protagonista de inúmeras interações sociais, como é o caso dos festivais de praia no período de estiagem, além da pesca esportiva, os passeios de barco e o pôr-do-sol aos fins de tarde.

Figura 3 - Vista às margens do Rio Mamoré, Vila Iata, Rondônia.



Fonte: Acervo da autora 2024.

A área que pertence às edificações de uso público é sempre bem cuidada e mantida pelos moradores, com elevado índice de cobertura vegetal, com gramados, jardins e canteiros podados. Nesta área são poucas as edificações que pertenceram à antiga colônia agrícola e que atualmente não possuem uso, considerando que a escola, a subprefeitura, a subdelegacia, o posto de saúde e a igreja são utilizadas pela população. Foi possível perceber que a antiga estrutura do posto de saúde estava em reforma no momento da visita.

Figura 4 - Principais edificações de serviços e instituições da Vila Iata.



(1) Subdelegacia do Iata (2) Subprefeitura (3) Posto de saúde (4) Escola (5) Igreja N. Sra. Das Graças Fonte: Acervo da autora 2024.

Ao chegar à Vila de carro, a primeira impressão é de tranquilidade e pouco movimento. Observa-se o impacto que um único automóvel, transitando nas poucas ruas, pode gerar aos moradores, que pouco transitam no pequeno distrito. O contato com alguns moradores foi possibilitado a partir de funcionários da escola, que estava em funcionamento, além de indicações de visitantes de cidades próximas. As moradias do Iata diferem-se entre edificações contemporâneas e edificações do período de instalação da Colônia Agrícola. Entre as casas de construção recente (figura 5), as técnicas empregadas são em sua maioria simples, utilizando madeira tabuada com recuos laterais ou sem muros. Outra parcela das edificações foi feita de alvenaria, e possui terrenos de grande extensão. Poucas vias são asfaltadas, sendo estas a estrada que dá acesso à Vila e as vias principais na área central que dão acesso à escola e posto de saúde.

A população sobrevive da pesca, da agricultura e dos serviços públicos prestados no local. A Vila Iata é um ponto estratégico de fornecimento de serviços básicos a outros Vilarejos no entorno que são acessados através das linhas ou estradas. A escola de ensino fundamental é a única disponível para uma parcela das populações isoladas, como é o caso de comunidades indígenas da região, e, neste caso, existe transporte público para realizar o traslado até a Vila. Agentes de saúde oferecem atendimento aos residentes mais isolados, enquanto o posto de saúde está em reforma.

Figura 5 - Propriedades rurais e edificações comuns na Vila Iata.



Fonte: Google Earth (2025).

Todos os aspectos observados e analisados até então compõem, para Assunto (2013a), o conceito de paisagem, que é descrita como a forma perceptível e sensorial do ambiente. É por meio dela que se torna visível a unidade entre os aspectos físicos, biológicos e culturais do território. A paisagem se apresenta como a manifestação da experiência humana com o espaço, sendo a dimensão mais tangível da interação entre sociedade e meio. Para Assunto, a paisagem é a forma na qual o ambiente se manifesta no território, sendo a realidade vivida e construída pelos habitantes (Assunto 2013a).

Buscando compreender melhor a visão dos habitantes sobre essa paisagem, por meio de levantamentos documentais em acervos virtuais e físicos, foi possível localizar algumas pessoas que viveram a Vila Iata em seu ápice populacional ou ainda que viveram a desativação da Ferrovia Madeira-Mamoré e seus impactos. Em entrevista concedida ao portal Gente de Opinião, a Santos (2013), um antigo morador nascido no Iata, Sr. Sávio Roberto de Aguiar Araújo, relata a respeito de importantes referências da região. Sávio nasceu no acampamento do Km 337 da estrada de Ferro Madeira Mamoré, no Distrito de Iata, seu avô foi feitor deste acampamento, sua mãe foi professora da Escola Rural Benjamin Constant e seu pai e tios foram funcionários da ferrovia, em 1955. A família de origem cearense, se instalou na região, e o pai de Sávio tornou-se o topógrafo responsável pelo traçado urbano das linhas da Vila Iata após a 2ª Guerra Mundial (Santos 2013).

Sávio esclarece que o crescimento da capital Porto Velho, bem como do município de Guajará-Mirim justificou a criação da colônia agrícola: “[...] tinha que ter um lugar para produzir comida para esse povo comer, o governo fez a pesquisa e as terras da região do Iata foram consideradas muito boas para o cultivo da lavoura de mandioca, arroz, milho entre outros”. Além

disso, Sávio comenta sobre o papel da ferrovia neste processo: “[...] quarta-feira saía o trem do Iata trazendo a feira para Porto Velho e Guajará Mirim. O Iata era o celeiro do Território Federal de Rondônia [...]” (Santos 2013).

Quanto ao surgimento das rodovias, Sávio enfatiza sobre o erro em construir a BR-364 distante da Vila Iata, e que este fator fez com que os marreteiros² deixassem de comprar a produção dos agricultores, deixando a Vila Iata abandonada à própria sorte (Santos 2013). Sobre a desativação da ferrovia, Sávio comenta que não era necessário desativar a ferrovia em função do surgimento das rodovias, que haveria funções para ambas. Além disso, relembra com carinho um dos trechos do passeio de trem próximo à região do Iata: “[...] tem a famosa Pedra Gorda que o trem passava bem devagar e a gente esticava o braço pela janela do vagão pra pegar nela. Tudo isso é atração turística [...]”. Por fim, Sávio lamenta: “[...]temos o maior patrimônio histórico, que é a estrada de ferro e não aproveitamos nada, porque é tudo jogado, abandonado, sucateado”. (Santos 2013).

As memórias guardadas por Sávio são apenas alguns dos fragmentos de memórias e dinâmicas cotidianas da Vila Iata após seu surgimento, mas que enfatizam o conceito de paisagem descrito por Assunto (2012), partindo da premissa de uma paisagem vivida e construída por seus habitantes. Rosário Assunto (2013b) define a paisagem vivida como espaço onde o homem estabelece a experiência estética, em meio a aspectos biológicos e culturais, por meio físico e sensitivo:

Visão, audição; e cheiro, e sabores, e tacto: a contemplação da natureza, quando nos encontramos numa paisagem, é identificada de todo o nosso ser, sem distinção entre espírito e corpo: porque a fruição da alma, desinteressada, é aqui uma espécie de juízo que tem por tema não só a paisagem como tal, por aquilo que nela se pode assimilar a uma obra de arte, mas também as sensações físicas do nosso estar na paisagem, do nosso viver da natureza que se apresenta à contemplação como a paisagem da qual somos parte, porque a vivemos, enquanto nela nos encontramos (ASSUNTO 2013b, 368).

Nesse sentido, nas palavras do Sr. Sávio, os recursos naturais, por meio da presença da água e condições de solo, favoreceram a lavoura e vincularam o homem ao território. A natureza transformada se apresenta em paisagem, somada a valores culturais, históricos e afetivos, expresso também em memórias sensitivas, como ao descrever a experiência do toque na “Pedra Gorda”, durante passeio de trem, o que certamente se mostra como um elemento estruturante e identitário deste território.

Essa reflexão se aproxima das ideias de Augustin Berque ao introduzir o *pensamento mesológico* no entendimento de uma interação entre homem e o meio, o qual define como *movimento trajectivo*, como uma “via de mão dupla”, na qual o homem “apreende o seu ambiente pelos sentidos,

² Responsável por comprar o produto dos agricultores e levar a outras cidades.

pelo pensamento, pelas palavras e pela acção” (Berque 2013, 210). O homem contemporâneo tende a objetificar a paisagem e apartar o sujeito, restringindo a paisagem a objeto meramente estético e contemplativo. Na perspectiva de Berque (2023), é necessário que se resgate o “Pensamento-Paisagem”, por meio do fenômeno da *mediância*, que se estabelece nas inter-relações entre a sociedade e o meio, na disponibilidade dos recursos naturais como meio de sobrevivência, reconhecendo que na paisagem ocorrem as relações de ordem simbólica.

Um dos relatos de moradores demonstra a importância dessa abordagem. O morador José Raimundo, de 65 anos, ainda passeia de bicicleta ao longo dos trilhos diariamente e comenta com tristeza: “ Tá tudo desmanchado, o garimpo destruiu muito. Os trilhos estão se acabando, pedacinhos por pedacinhos estão se acabando. ” (Vargas 2012). A preocupação citada por José Raimundo quanto ao garimpo é ainda uma prática muito comum no leito dos rios da região, e em muitos casos, ocorrem de forma ilegal e alteram drasticamente a percepção da paisagem ao longo dos anos.

Luisa Bonesio (2013a), por sua vez, contribui com uma abordagem geofilosófica que entende a paisagem como expressão histórica e cultural da interação entre o ser humano e o ambiente. Os "caracteres identitários" apresentados por Bonesio podem ser observados também em práticas como o uso da terra, os modos de produção, a organização do território e as tipologias arquitetônicas. Somam-se aos elementos visíveis do território, os valores associados às tradições culturais e aos rituais coletivos. A memória e a tradição também desempenham papel central, sendo portadoras de experiências e saberes compartilhados.

Bonesio (2013) destaca ainda os atos territorializantes: decisões conscientes que as comunidades tomam ao preservar ou alterar seu território, como reveladores dos valores e objetivos sociais. Na Vila Iata, este conceito se aplica na construção das rodovias e seu impacto no transporte ferroviário. Em narrativa ao G1, Afonso de Lemos, de 86 anos, que trabalhou como bombeiro abastecendo as locomotivas a vapor por 10 anos, relata que o trem fazia duas viagens por semana, carregando borracha e castanha: “Naquele tempo era tudo ‘demoroso’. O trem partia às 7 horas de Porto Velho, parava às 17 horas em Abunã, pernoitava e saía 7 horas do outro dia, chegando às 14 horas em Guajará-Mirim.” (Vargas 2012). Aqui nota-se uma questão complexa, a necessidade de transporte mais rápido, culminando na construção das rodovias e a completa desativação da ferrovia e suas implicações. Dona Maria Furtado de Lima comenta ainda que o Distrito já não lembra em nada a época da ferrovia ativa, e enfatiza que muitas pessoas pegavam o trem e levavam itens para vender na feira de Guajará-Mirim (Vargas 2012).

Quanto à vida social, os moradores possuem uma associação que promove reuniões periodicamente para tratar dos problemas e questões do distrito. Os eventos promovidos são

relacionados à escola, como desfile de 7 de setembro, festas juninas, ou eventos promovidos pelos moradores como partidas de futebol, eventos agropecuários, festivais de pesca, entre outros. Até a pesquisa de campo realizada em janeiro de 2024, não havia sinal de celular de nenhuma operadora dentro da Vila, o único ponto disponível para acesso à internet é a escola. É comum ao longo do dia visualizar moradores direcionando-se à escola para buscar sinal de internet.

Alguns eventos realizados no distrito marcam a vida social dos moradores, reforçando os vínculos comunitários a partir de práticas culturais locais. Entre as festividades mais tradicionais está o Festival do Coco, realizado uma vez por ano e voltado à valorização de receitas típicas preparadas com coco, celebrando a produção do fruto na região. O evento reúne moradores e visitantes com apresentações musicais, danças, comidas típicas e da eleição da “Garota do Coco”, figura simbólica que representa a festividade. A festividade reúne mais de duas mil pessoas anualmente (G1 Rondônia 2018).

Figura 5 - Eventos e manifestações culturais na Vila Iata.



(1) Festival Cine Amazônia no Distrito do Iata. Fonte: Cineamazônia 2016.

(2) Cavalgada no Distrito do Iata. Fonte: Braga 2021.

Outro evento recorrente é o Campeonato de Futebol, também anual, que envolve a comunidade residente na Vila e as comunidades indígenas do entorno, que organizam equipes e participam das disputas. O campeonato atrai público das comunidades vizinhas e representa um momento de integração. A Cavalgada, por sua vez, é realizada durante o período das festas de rodeio e mobiliza moradores em cortejos montados, reforçando os vínculos com as práticas da agricultura (Braga 2021). Complementando esse calendário, destaca-se a Festa Junina da escola da Vila, promovida no mês de junho, aberta à participação de toda a população local. Esses eventos revelam formas de apropriação e uso do território para além das funções cotidianas. Outros eventos ocorrem

com menor frequência, ou ainda, eventos itinerantes que passam pelo Distrito do Iata, como o Festival Cine Amazônia - Festival de Cinema Ambiental, que levou filmes e apresentações teatrais ao distrito em 2016 (Cineamazônia 2016).

Patrimônio difícil: a ferrovia e seus entornos como espaços de memória incômoda

A noção de “patrimônio difícil”, conforme formulada por Sharon Macdonald (2009) refere-se à passados que, embora reconhecidos como significativos no presente, são também contestados e desconfortáveis, pois desafiam identidades coletivas positivas e afirmativas. São histórias que, em vez de promoverem coesão simbólica e orgulho, evocam traumas, violências ou silêncios históricos que muitas vezes ameaçam emergir de forma disruptiva no presente. Esses patrimônios, como ressalta a autora, ‘trazem embaraço, desestabilizam narrativas identitárias’ e, ao serem lembrados, podem mostrar divisões sociais (Macdonald 2009, 3).

A Estrada de Ferro Madeira-Mamoré e a região de seu entorno, como a Vila Iata e outras localidades, podem ser interpretadas sob essa perspectiva. Construída a partir de um projeto que visava a integração comercial da região amazônica, a ferrovia Madeira-Mamoré foi uma das mais complexas obras da engenharia moderna no Brasil, marcada por milhares de mortes por doenças tropicais, más condições de trabalho e exploração humana (Ferreira 2005). Em vez de celebrar um feito tecnológico, a memória da ferrovia é permeada por negligência e abandono. Em diversos momentos históricos, desde a desativação, a ferrovia foi silenciada, esquecida ou simplesmente transformada em ruína pela falta de interesse público em assumir esse legado. A ausência de políticas de tombamento e manutenção adequadas, bem como a negligência com bens diante do surgimento de novos empreendimentos, como é o caso das hidrelétricas, ocasionam inundações severas em áreas tombadas. Um exemplo foi a grande cheia do Rio Madeira em Porto Velho, RO, em 2014, que alagou e danificou o principal complexo da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. (G1 Rondônia 2014).

No caso da Vila Iata, inserida no entorno da ferrovia e afetada por sua presença e posterior desativação, as dificuldades do passado permanecem em estruturas materiais abandonados, e em memórias da comunidade que expressam o saudosismo e ao mesmo tempo um movimento de resistência. Sávio Araújo, cujo pai foi responsável pelo traçado urbano da Vila após a Segunda Guerra Mundial e cuja família esteve diretamente vinculada ao funcionamento da ferrovia, lamenta que "temos o maior patrimônio histórico, que é a estrada de ferro e não aproveitamos nada, porque é tudo jogado, abandonado, sucateado" (Santos 2013). Sávio questiona a decisão de desativar a ferrovia com a chegada das rodovias, argumentando que haveria funções para ambas, e atribui ao traçado distante da BR-364 o progressivo isolamento e abandono da Vila (Santos 2013).

A percepção de Sávio é compartilhada por outros moradores. José Raimundo, de 65 anos, que ainda percorre de bicicleta os antigos trilhos diariamente, comenta: "Tá tudo desmanchado, o garimpo destruiu muito. Os trilhos estão se acabando, pedacinhos por pedacinhos estão se acabando" (Vargas 2012). A fala de José Raimundo evidencia o desafio proveniente da exploração dos garimpos ilegais que são comuns na região, e que, com frequência, danificam bens da ferrovia. Outra antiga moradora, Dona Maria Furtado, sintetiza o apagamento em curso: o Distrito "já não lembra em nada a época da ferrovia ativa" (Vargas 2012). A fala de Dona Maria Furtado expressa o que caracteriza o patrimônio difícil na perspectiva de Macdonald, enfatizando que a memória existe, e os moradores a detém, entretanto faltam estruturas coletivas, espaços e iniciativas que sustentem e organizem essa memória coletiva.

Como em outros exemplos analisados por Macdonald (2009), a presença do "passado incômodo" manifesta-se também na paisagem: prédios e bens tomados pela vegetação, trilhos oxidados e removidos, museus abandonados ou inexistentes e vestígios materiais que, embora silenciosos, ainda mostram os dilemas de uma memória coletiva conflituosa e mal resolvida.

Em diálogo aos conceitos de patrimônio apresentados por Muñoz Viñas (2003), a figura 6 ilustra exemplares do patrimônio industrial que, embora carregado de valores historiográficos e simbólicos para a comunidade local, representam atualmente, em sua maioria, elementos de uma memória sensível e, por vezes, traumática. Considerando a total desativação da Ferrovia Madeira-Mamoré em 1972, é possível afirmar que há diversos posicionamentos e valores atribuídos aos elementos remanescentes da ferrovia, por diferentes gerações.

Figura 6 - Locomotivas e pontes metálicas centenárias abandonadas na região entre Porto Velho e Guajará-Mirim, Rondônia.



(1) Cemitério de Locomotivas em Porto Velho. Fonte: Calixto 2021. (2) Locomotiva 16 – Engenheiro Índio do Brasil, Porto Velho. (3) Ponte sobre o Rio Jaci Paraná. Fonte: Calixto 2022. (4) Ponte sobre o Igarapé Taquara. Fonte: Bielinki 2020.

Essa permanência desconfortável dos vestígios materiais, mesmo após o esquecimento e a ausência de políticas públicas de preservação, está alinhada com o que Macdonald chama de “intrusões mnêmicas”, momentos em que a materialidade do passado se insere no presente de maneira incômoda, desafiando as tentativas de apagamento e exigindo posicionamentos sociais e políticos (Macdonald 2009, 2). Além do trauma associado à construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, o abandono gradual da ferrovia após sua desativação gerou um efeito de colapso sobre diversas comunidades que dela dependiam, como é o caso da Vila Iata.

Análise dos caracteres identitários da paisagem da Vila Iata

Os elementos da paisagem citados e observados anteriormente consideram os traçados urbanos, as memórias pessoais, as relações comunitárias, práticas culturais e referências naturais que forneceram uma base para compreender a paisagem da Vila Iata. A partir dela, avançamos agora para uma análise teórica, partindo do conceito de “caracteres identitários” de Luisa Bonesio (2017), que propõe a leitura da paisagem a partir de elementos estruturantes. Ainda de acordo com Bonesio, a conservação da paisagem deve se basear não em um congelamento da tradição, mas na preservação das invariantes estruturais do território.

Bonesio (2017) apresenta a legislação italiana (D.Lgs. 42/2004), em consonância com a Convenção Europeia da Paisagem, que reconhece como componentes identitários do lugar: “características históricas, culturais, naturais, morfológicas e estéticas”. Também de acordo com a referida Convenção, reconhece três categorias de paisagens: “excepcionais”, “degradadas” e “do cotidiano”. Todas elas são dignas de se reconhecerem em sua consistência simbólica e no reconhecimento dos aspectos identitários de sua fisionomia.

O Quadro 1 sintetiza os elementos materiais identitários observados na Vila Iata, tendo por base o conceito apresentado por Luisa Bonesio (2017), organizados por elemento e pelo conceito evidenciado (histórico, morfológico, cultural, natural e estético).

Quadro 1 - Caracteres identitários da paisagem de Vila Iata categorizados conceitualmente.

Elemento	Conceito evidenciado
Remanescentes da EFMM (trilhos, locomotivas, pontes)	Caráter histórico e cultural
Traçado das “linhas” e das parcelas coloniais	Caráter morfológico
Equipamentos públicos em uso (escola, subprefeitura, igreja, posto de saúde)	Caráter cultural
Rio Mamoré (Uso, presença e som)	Caráter natural
Tipologias residenciais (taipa, madeira pré-moldada, alvenaria)	Caráter morfológico
Florestas e o paisagismo urbano	Caráter natural
Isolamento viário e mudança modal (ferrovia/rodovia)	Caráter morfológico

Fonte: Elaborado pela autora em 2025.

A partir da análise do quadro, os elementos de caráter material como os remanescentes da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, os equipamentos públicos e as tipologias residenciais funcionam como elementos históricos, culturais e morfológicos que moldam os aspectos da Vila Iata e constroem uma memória do espaço. Além disso, o caráter de abandono dessas dinâmicas que já se encerraram, como é o caso do funcionamento da ferrovia, revela certo incômodo e saudosismo provocado na população residente, a partir do contato com bens materiais abandonados. Outros elementos de cunho material como o traçado da Vila, a distribuição das linhas de acesso às propriedades rurais e os eixos articuladores, como a antiga ferrovia abandonada e a rodovia, caracterizam a morfologia do território em suas temporalidades.

Já os elementos naturais como o Rio Mamoré, a presença das florestas e a arborização densa representam o caráter ambiental e estético. Esses componentes conectam os habitantes à paisagem através de uma experiência direta e sensorial. A presença de tais elementos é constantemente modificada ao longo do tempo, seja pela ação humana, seja pela sazonalidade das estações, com as cheias e secas do rio. O impacto que essas alterações trazem à vegetação muda drasticamente a paisagem da Vila Iata ao longo do ano.

As práticas em sua maioria de caráter cultural como o Festival do Coco e outras festividades, ou mesmo práticas cotidianas como um simples passeio pelos trilhos da ferrovia, revelam a presença dos traços culturais identitários, reforçando uma paisagem que é vivida e construída diariamente. Os serviços públicos em funcionamento fornecem apoio a populações residentes no núcleo central da

Vila e outras linhas e distritos próximos, incentivando dinâmicas de troca e socialização. Os eventos seguem sendo o principal meio de reunião de moradores e visitantes, que aproveitam desses momentos para trocas e visitas.

Bonesio (2017) comenta que não há paisagem sem que haja tradição, entendida como a transmissão de conhecimentos, métodos e estilos específicos de relacionamento com o território, que podem inclusive ser entendidos como o resultado de atos de territorialização, por um período de tempo talvez muito longo. Para a autora, tradição é um processo dinâmico de seleção, valorização e adaptação do “patrimônio” que constitui a diferenciação de uma cultura. Bonesio defende ainda que a conservação da paisagem se faz na preservação das invariantes estruturais do território, que correspondem à manutenção dos elementos identitários.

A identidade cultural da paisagem não deve ser entendida como algo imutável. Para Bonesio, ela se manifesta como uma fisionomia própria e única, que expressa o caráter de cada lugar. Essa identidade não é uma dinâmica rígida, mas um modo de manter a harmonia com o território, ainda que em constante renovação. Nessa visão, tradição e inovação coexistem, pois a continuidade de uma cultura se dá através de transformações, adaptações e reorganizações (Bonesio 2017).

A leitura da paisagem da Vila Iata pode ser ampliada quando articulada a outras perspectivas teóricas, além dos caracteres identitários propostos por Bonesio (2017). Assunto (2012) trata que o território, o ambiente e a paisagem não são apenas categorias físicas, mas dimensões que abarcam o vivido, o cultural e o simbólico. No caso do Iata, essa distinção ajuda a compreender que o traçado da Vila, as tipologias arquitetônicas e mesmo os limites impostos pela geografia e pela fronteira com a Bolívia não são apenas dados espaciais, mas expressões de um ambiente construído a partir de experiências humanas, vínculos sociais e memórias coletivas.

De modo complementar, Berque ao propor a noção de *mediância*, afirma que a paisagem não se reduz a um cenário objetivo a ser contemplado, mas configura-se como o meio no qual a comunidade habita, interage e constrói pertencimento. Os relatos dos moradores sobre o som do apito do trem ou sobre as festividades locais revelam justamente essa dimensão fenomenológica, pois o espaço não é apenas observado, mas sentido e apropriado, sendo parte da vida cotidiana

Ao mesmo tempo, os conceitos de Muñoz Viñas (2003) sobre os valores simbólicos e historiográficos ajudam a entender por que determinados vestígios como os trilhos enferrujados, as pontes abandonadas ou locomotivas em ruínas continuam a ser importantes para a memória da comunidade. Esses elementos, ainda que desprovidos de função prática, adquirem força simbólica por provocar emoções, lembranças e significados coletivos, além de carregarem um potencial historiográfico que, no futuro, poderá servir como fonte para a compreensão do território. Em diálogo

com essa perspectiva, Laurajane Smith (2021) argumenta que o patrimônio deve ser entendido como processo cultural e social, mais do que como um conjunto de objetos materiais. Assim, a paisagem da Vila Iata se apresenta como um patrimônio vivo em constante mutação, no qual as práticas de uso e recriação constantes conferem novos sentidos à paisagem.

Considerações finais

O objetivo deste artigo foi analisar os caracteres identitários da paisagem da Vila Iata, evidenciando sua relevância histórica, social e cultural. A partir de levantamento documental, observação participante e registro fotográfico, foi possível identificar como elementos materiais, naturais e culturais se relacionam na construção da identidade local.

A análise demonstrou que os remanescentes da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, os equipamentos públicos, as tipologias residenciais e o traçado urbano não apenas configuram a materialidade da paisagem, mas também funcionam como suportes da memória coletiva. Do mesmo modo, os elementos naturais e sensoriais, como o Rio Mamoré e o som do apito do trem, mantêm vínculos entre comunidade e território. Já as práticas culturais e festividades reforçam a dimensão social e relacional da paisagem.

Ao relacionar esses elementos com o conceito de caracteres identitários proposto por Bonesio, foi possível compreender a paisagem da Vila Iata como um patrimônio vivo, em transformação contínua, no qual tradição e inovação não se contrapõem, mas se complementam. Portanto, é notável a importância de considerar tanto os aspectos materiais quanto os imateriais para interpretar e preservar paisagens, em especial nos contextos culturais da Amazônia.

Por fim, o estudo revela a maneira como se constituiu e se desenvolveu a paisagem da Vila Iata. É evidente a necessidade de políticas públicas e de estratégias que reconheçam e valorizem a identidade e a paisagem da Vila Iata. Entretanto, esse movimento deve ir além do registro de um passado em ruínas, deve compreender e considerar os processos dinâmicos que configuram a paisagem e que podem orientar sua continuidade como referência cultural e territorial.

O estudo ainda se encontra em desenvolvimento e abre possibilidades para novos desdobramentos. Entre eles, destaca-se a intenção de fortalecer o registro da paisagem da Vila Iata por meio das narrativas de seus moradores a partir de um inventário participativo. Outro resultado em desenvolvimento é a produção de uma modelagem digital da paisagem a partir de reconstruções visuais como instrumento de inventário. Tais instrumentos poderiam auxiliar no monitoramento de transformações físicas e culturais, tornando perdas, acréscimos e modificações mais visíveis.

Entretanto, este território enfrenta ameaças que exigem atenção imediata. A possibilidade de implantação de hidrelétricas no entorno coloca em risco o território, por meio de inundações ou alagamentos, que poderiam comprometer tanto os bens materiais remanescentes quanto os modos de vida associados à paisagem. É prevista ainda a construção da ponte binacional entre Guajará-Mirim e Guayaramerín, anunciada pelo Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (DNIT) em 2025, que, embora represente avanço em conexão entre países, também abre espaço para pressões de urbanização, descaracterização de práticas tradicionais, modificação do traçado territorial e tensões ambientais (DNIT 2025). Diante desses desafios, torna-se fundamental que as referências culturais da paisagem da Vila Iata, como caracteres identitários, sejam reconhecidas enquanto patrimônio, de modo a promover a preservação, a memória social e o desenvolvimento sustentável em território amazônico.

Referências Bibliográficas

Assunto, Rosário. "Paisagem – Ambiente – Território. Uma tentativa de clarificação conceptual". Em *Filosofia da paisagem. Uma antologia*, coord. Adriana Veríssimo Serrão, 125-129. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2013a.

Assunto, Rosário. "A paisagem e a estética". Em *Filosofia da paisagem: uma antologia*, coord. Adriana Veríssimo Serrão, 339-375. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2013b.

Berque, Augustin. *O Pensamento-paisagem*. Tradução de Vladimir Bartalini e Camila Gomes Sant'Anna. São Paulo: Edusp, 2023.

Berque, Augustin. "O pensamento paisageiro: uma aproximação mesológica". Em *Filosofia da paisagem. Uma antologia*, coord. Adriana Veríssimo Serrão, 200-212. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2013.

Bielinki, Leocir. 2020. "Ponte de ferro da EFMM abandonada no meio da floresta a mais de 100 anos...". Facebook. <https://www.facebook.com/photo/?fbid=10217607265588867&set=pcb.1274625346208773>.

Bonesio, Luisa. *Paesaggio, identità e comunità tra locale e globale*. Milano: Mimesis Edizioni, 2017.

Bonesio, Luisa. "Elogio da conservação". Em *Filosofia da paisagem: uma antologia*, coord. Adriana Veríssimo Serrão, 443-465. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2013a.

Bonesio, Luisa. "Interpretar os lugares". Em *Filosofia da paisagem. Uma antologia*, coord. Adriana Veríssimo Serrão, 465-474. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2013b.

Braga, Edmilson. "Vem aí a 9ª Cavalcada do Distrito do Iata", *A Pérola do Mamoré*, 20 de outubro de 2021. <https://aperoladomamore.com.br/2021/10/vem-ai-a-9a-cavalcada-do-distrito-do-iata/>.

Calixto, José. 2023. "Cemitério das Locomotivas". Facebook. <https://web.facebook.com/photo/?fbid=10223261903563534&set=pcb.1976061386065162>.

Calixto, José. 2021a. "Locomotiva 16 – Engenheiro Índio do Brasil em seus momentos de abandono desde os anos 70 até 2021". Facebook. <https://www.facebook.com/photo/?fbid=10220115376262318&set=pcb.1527417930929512>.

Calixto, José. 2022. "A Ponte mais fotografada da Madeira-Mamoré". Facebook. <https://www.facebook.com/photo/?fbid=10221084216682723&set=gm.1674860609518576>.

Calixto, José. 2021b. "Fragmentos da nossa história... Cemitério das Locomotivas da Candelária, Porto Velho, RO". Facebook. https://web.facebook.com/groups/244111865926798/search/?q=cemit%C3%A9rio%20locomotivas&_rdc=1&_rdr.

Cineamazônia. 2016. "Reencontro sob as bênçãos da Madeira-Mamoré". <https://cineamazonia.com.br/2016/07/15/reencontro-sob-as-bencao-da-madeira-mamore/>.

Costa, Osvaldo Gilson Fonseca, e Orlando Valverde. 1968. "Igreja da colônia agrícola de Iata (RO)". <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/fotografias/GEBIS%20-%20RJ/RO16345.jpg>.

Ferreira, Manoel Rodrigues. *A Ferrovia do Diabo*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2005.

G1 Rondônia. 2014. "Nível do rio Madeira baixa e deixa marcas nas locomotivas da EFMM". <https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2014/04/nivel-do-rio-madeira-baixa-e-deixa-marcas-nas-locomotivas-da-efmm.html>.

G1 Rondônia. 2018. "Distrito do Iata sedia Festival do Coco na zona rural de Guajará-Mirim, RO". <https://g1.globo.com/ro/guajara-mirim-regiao/noticia/distrito-do-iata-sedia-festival-do-coco-na-zona-rural-de-guajara-mirim-ro.ghtml>.

Google Earth. 2025. "Distrito do Iata, Guajará-Mirim – RO". <https://earth.google.com/web/search/distrito+do+iata/>.

Hashtag24Horas. 2021. "Colônia do Iata, município de Guajará-Mirim, Rondônia". Facebook. <https://www.facebook.com/Hashtag24Horas/posts/3733255400126569>.

IBGE. 1968. "Casas da colônia agrícola de Iata (RO)". <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/fotografias/GEBIS%20-%20RJ/RO16346.jpg>.

Italy. Decreto Legislativo n. 42, de 22 de janeiro de 2004. *Codice dei beni culturali e del paesaggio*. Roma, 2004.

Macdonald, Sharon. *Difficult Heritage: Negotiating the Nazi Past in Nuremberg and Beyond*. Londres: Routledge, 2009.

Matias, Francisco. *Formação histórica e econômica de Rondônia: do século XVI ao século XXI*. Porto Velho: INDAM, 2010.

Muñoz Viñas, Salvador. *Teoría contemporánea de la restauración*. Madrid: Editorial Síntesis, 2003.

Perdigão, Francinete, e Luiz Bassegio. *Migrantes Amazônicos Rondônia: a Trajetória da Ilusão*. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

Roquette-Pinto, Edgard. *Rondônia*. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.

Santos, Sílvio. "Sávio: Iata, a colônia que abastecia Porto Velho", *Gente de Opinião*, 7 de abril de 2013. <https://www.gentedeopinioao.com.br/colunista/silvio-santos/savio-iata-a-colonia-que-abastecia-porto-velho>.

Smith, Laurajane. "Desafiando o discurso autorizado de patrimônio". *Cultura Visual* 21, n. 2 (2021). <https://doi.org/10.18472/cvt.21n2.2021.1957>.

Teixeira, L. da S. "Dinâmica territorial do Iata". *Geographia Opportuno Tempore* 1, n. 2 (2014): 52-64.

Théry, Hervé. "Rondônia: mutations d'un territoire fédéral en Amazonie brésilienne". Tese de doutoramento, Paris, Université Paris I, 1976.

Vargas, Rosiane. "'Ficava gelada quando ouvia o apito do trem', recorda idosa sobre ferrovia", *GI*, 30 de novembro de 2012. <https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2012/11/ficava-gelada-quando-ouvia-o-apito-do-trem-recorda-idosa-sobre-ferrovia.html>.